

HUMANAS E SOCIAIS

V.9 • N.3 • 2022 • Fluxo Contínuo

ISSN Digital: 2316-3801

ISSN Impresso: 2316-3348

DOI: 10.17564/2316-3801.2022v9n3p313-321



## O INDIVÍDUO SOB REGIMES AUTORITÁRIOS: CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DA LEITURA DE OBRAS DE HANNAH ARENDT E ERICH FROMM

THE INDIVIDUAL UNDER AUTHORITARIAN REGIMES:  
CONTRIBUTIONS FROM THE READING OF WORKS BY HANNAH  
ARENDT AND ERICH FROMM

EL INDIVIDUO BAJO LOS REGÍMENES AUTORITARIOS:  
APORTACIONES DE LA LECTURA DE LAS OBRAS DE HANNAH  
ARENDT Y ERICH FROMM

Mariana Marujo Velloso<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo aborda as repercussões individuais em torno da ascensão e da consolidação de ideologias e personalidades totalitárias, a partir de obras de Arendt (2012) e Fromm (1961; 1983). A análise reconhece as trajetórias e vinculações teóricas particulares de cada um dos autores e busca atravessamentos comuns às suas teorias. O rigor histórico de Arendt, somado à preocupação que Fromm nutre no que diz respeito às implicações psicológicas dos regimes, oferece rica leitura da realidade sociohistórica e seus efeitos sobre as subjetividades em contexto totalitário.

### PALAVRAS-CHAVE

Sociedade de Massas. Indivíduo Atomizado.  
Totalitarismo.

## ABSTRACT

This article addresses the individual repercussions surrounding the rise and consolidation of totalitarian ideologies and personalities, drawing from the works of Arendt (2012) and Fromm (1961; 1983). The analysis acknowledges the particular trajectories and theoretical ties of each of the authors and seeks common crossings in their theories. Arendt's historical rigor, added to Fromm's concern regarding the psychological implications of regimes, offers a rich reading of sociohistorical reality and its effects on subjectivities in a totalitarian context.

## KEYWORDS

Mass society. Atomized individual. Totalitarianism.

## RESUMEN

Este artículo aborda las repercusiones individuales que rodean el surgimiento y la consolidación de ideologías y personalidades totalitarias, basándose en las obras de Arendt (2012) y Fromm (1961; 1983). El análisis reconoce las trayectorias particulares y los vínculos teóricos de cada uno de los autores y busca cruces comunes en sus teorías. El rigor histórico de Arendt, sumado a la preocupación que Fromm alimenta respecto a las implicaciones psicológicas de los regímenes, ofrece una rica lectura de la realidad socio-histórica y sus efectos sobre las subjetividades en el contexto totalitario.

## PALABRAS CLAVE

Sociedad de masas. Individuo atomizado. Totalitarismo.

## 1 INTRODUÇÃO

A ascensão de personalidades como Donald Trump e Jair Bolsonaro no poder de grandes nações renovou, nos últimos anos, o interesse político e teórico sobre as personalidades autoritárias e as experiências de regimes totalitários. No seio deste debate, além dos clássicos e contemporâneos distópicos da Literatura, tais como *1984*, de George Orwell, e *O conto da Aia*, de Margaret Atwood, autores cuja produção intelectual foi dedicada essencialmente aos horrores totalitários assumiram renovada importância. É este o caso de Hannah Arendt e Erich Fromm, cujas obras constituem leituras indispensáveis a todos aqueles que se interessem por investigar a problemática do totalitarismo, especialmente a partir do que nos oferecem as experiências do século XX.

Neste trabalho, portanto, debruço-me sobre a principal obra de Arendt sobre o tema e sobre duas obras de destaque de Fromm, a fim de, ainda que de maneira breve – considerando os limites do fôlego do presente artigo –, analisar alguns atravessamentos comuns à leitura de ambos os teóricos. Para isso, dedico as próximas linhas à apresentação da fundamentação teórica básica a partir da qual extraí, das obras dos autores de referência, o diálogo por mim traçado, para, na sequência, expor as relações observadas entre as suas abordagens acerca do totalitarismo.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E ALGUMAS RELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE AS OBRAS DE HANNAH ARENDT E ERICH FROMM

Primeiramente, a fim de conferir solidez às bases teóricas deste estudo, buscarei traçar um panorama mínimo acerca das obras de Hannah Arendt e de Erich Fromm que lhe servem como fundamento. Assim, as linhas que seguem se destinam a expor o arcabouço teórico conferido ao presente artigo pelas obras *As origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*, de Hannah Arendt, e *O medo à liberdade* e *Psicanálise da sociedade contemporânea*, ambas de Erich Fromm.

Na obra *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*, que traz importante arcabouço teórico e histórico, Hannah Arendt, trata do crescimento do antissemitismo e do imperialismo europeu, além de cuidar, com destaque, das experiências totalitárias na Alemanha sob o regime nazista e na Rússia de Stalin. O livro representa verdadeiro marco nas discussões acerca do totalitarismo, tendo mesmo consolidado o seu próprio conceito nas discussões teóricas sobre o tema.

Arendt (2012, p. 170), já no prefácio à sua obra, distingue “o antissemitismo como ideologia leiga do século XIX” do que chama de “antissemitismo como ódio religioso aos judeus, inspirado no antagonismo de duas crenças em conflito”, isto é, o antissemitismo observado em condições pré e pós totalitárias. No mesmo sentido, rechaça o que chamou de “teoria do bode expiatório”, de modo que descarta a total inocência da vítima escolhida pela ideologia autoritária, neste caso, os judeus.

Assim, por um lado, Arendt enxerga o antissemitismo como produto da “estrutura geral do desenvolvimento do Estado-nação” e, por outro, como consequência de “certos aspectos da história judai-

ca” bem como nas funções “desempenhadas pelos judeus no decorrer dos últimos séculos” (ARENDR, 2012, p. 35). Quanto à primeira parte, caberá maior discussão mais à frente neste trabalho; desde já, importa, contudo, esclarecer o que a autora compreende como a responsabilidade dos judeus.

Arendt (2012, p. 32) identifica uma inabilidade para a análise política do povo judeu, que era resultado da sua própria história, a história de um povo “sem governo, sem país e sem idioma”. A discriminação não se deu, portanto, num campo esvaziado de responsabilidade dos judeus, segundo Arendt, mas sim com a concorrência de sua própria iniciativa, na medida em que se mantinham distanciados dos demais grupos sociais como forma de preservar sua pretensa superioridade nata.

Ainda segundo Arendt (2012, p. 32), “os judeus assumiam diversos papéis na sua atuação histórica, tropeçando em todos e não aceitando responsabilidade precípua por nenhum deles”. Os judeus, então, historicamente, não constituíam classes nos países onde se encontravam, de modo que o que os definia era o sistema político. Desta forma, os judeus eram verdadeiro “elemento intereuropeu” e tinham a sua condição assegurada pelo Estado-nação (ARENDR, 2012, p. 44-45).

Os judeus estabeleciam alianças entre governos e Estados sem qualquer ressalva ao que eles representavam política e ideologicamente (ARENDR, 2012, p. 51). Esta falta de atenção e leitura política fez com que os judeus custassem a perceber a tensão que crescia em torno da sua constituição como inimigo ideológico. Nas palavras de Arendt (2012, p. 53), “durante mais de cem anos, o antissemitismo havia, lenta e gradualmente, penetrado em quase todas as camadas sociais em quase todos os países europeus, até emergir como a única questão que podia unir a opinião pública”.

É importante lembrar, contudo, que o antissemitismo não é a única chave por meio da qual Arendt busca compreender as experiências totalitárias do século XX. Igualmente importante é o imperialismo, cujas formas e repercussões foram também pesquisadas pela autora. O movimento expansionista da Europa sobre os continentes africano e americano se aliou a um tipo de imperialismo dentro da própria Europa, na forma da mobilização nacionalista e, ainda, ao deslocamento marginal de minorias e apátridas (ARENDR, 2012, p. 403).

Após a abordagem do antissemitismo e do imperialismo, Arendt volta a terceira parte do seu livro ao totalitarismo. Neste ponto, cuida especificamente do nazismo alemão e do bolchevismo soviético e, a partir destas experiências, narra as características do movimento totalitário, do totalitarismo no poder e da ideologia. Arendt marca, em toda a sua obra, a complexidade do fenômeno sob estudo, de modo que não recorre a conceitualizações que tendam para o universalizante em detrimento da efetiva compreensão do que se tem em discussão. A autora destaca o ineditismo do totalitarismo do século XX como forma de governo, mas criado pela humanidade a partir de elementos presentes nas necessidades humanas – isto é, desmistifica o totalitarismo como algo alheio aos homens, como uma força imposta externamente e sobrenaturalmente.

O totalitarismo é, então, segundo a perspectiva elaborada por Arendt, “uma forma de governo cuja essência é o terror e cujo princípio de ação é a lógica do pensamento ideológico” (ARENDR, 2012, p. 632). A autora vai além, relacionando, ainda, o terror à solidão necessária ao governo totalitário, nos termos a seguir transcritos:

O governo totalitário, como todas as tiranias, certamente não poderia existir sem destruir a esfera da vida pública, isto é, sem destruir, através do isolamento dos homens, as suas capacidades políticas. Mas o domínio totalitário como forma de governo é novo no sentido de que não se contenta com esse isolamento, e destrói também a vida privada. Baseia-se na solidão, na experiência de não se pertencer ao mundo, que é uma das mais radicais e desesperadas experiências que o homem pode ter. (ARENDT, 2012, p. 634).

Este terror mina, portanto, as capacidades de vida pública e na esfera privada. De um lado, o terror é potencializado pela criação de um inimigo e desconfiança generalizada, enquanto, do outro, é maximizado pela sensação de não pertencimento. A base do movimento totalitário foi preenchida por pessoas, isoladas e atomizadas, cuja trajetória política era absolutamente incipiente, à base do fanatismo.

O conceito de terror, portanto, relaciona-se de maneira intensa ao de sociedade de massas, de modo que ambos são estruturantes das experiências totalitárias. Arendt investiga o deslocamento da sociedade de classes para uma sociedade de massas como condição para o domínio totalitário (ARENDT, 2012, p. 424). A autora fala das maiorias como uma “grande massa desorganizada e desestruturada de indivíduos furiosos que nada tinham em comum”, a menos, é claro, a pouca esperança partidária (ARENDT, 2012, p. 444). O grande triunfo do movimento totalitário, neste contexto, é a capacidade de organizar a massa, dispersa pela queda das classes.

Neste contexto, dentro do qual foi forjada a psicologia de massa na Europa, o sentimento de des-pertencimento migra da esfera individual para fortalecer-se como um fenômeno de massa (ARENDT, 2012, p. 445). É a esses indivíduos, desprovidos de laços sociais, que se volta a empreitada totalitária, de modo que permite a eles que tenham “lugar neste mundo quando participam de um movimento, pertencem ao partido” (ARENDT, 2012, p. 454). Estas pessoas se tornam, assim, aliadas dos regimes totalitários e a eles fornecem o respaldo de que necessitam para se sustentarem. Neste sentido, a explicação de Arendt (2012, p. 446) nos esclarece que:

A verdade é que as massas surgiram dos fragmentos da sociedade atomizada, cuja estrutura competitiva e concomitante solidão do indivíduo eram controladas apenas quando se pertencia a uma classe. A principal característica do homem da massa não é a brutalidade nem a rudeza, mas o seu isolamento e a sua falta de relações sociais normais. Vindas da sociedade do Estado-nação, que era dominada por classes cujas fissuras haviam sido cimentadas pelo sentimento nacionalista, essas massas, no primeiro desamparo da sua existência, tenderam para um nacionalismo especialmente violento, que os líderes aceitavam por motivos puramente demagógicos, contra os seus próprios instintos e finalidades. [...] A ralé, enquanto força motriz das massas, já não era o agenda da burguesia nem de ninguém a não ser das próprias massas.

Os indivíduos atomizados, produtos da competitividade e da solidão que estruturam a sociedade de massas, pós ruptura com a sociedade de classes num mundo pós Guerra Fria, servem, neste cenário de ascensão totalitária, aos propósitos ideológicos dos partidos.

Autor cuja obra também se voltou à investigação das formas e dos horrores do totalitarismo, Erich

Fromm parte de uma perspectiva sempre preocupada com a tradição humanística e a incorpora aos estudos conceitos da Psicologia, sobretudo da Psicanálise.

Em *O medo à liberdade*, segundo o próprio autor, o objetivo foi demonstrar que, na fuga à liberdade conquistada no mundo moderno, o homem buscou refúgio “na submissão a um líder, a uma raça ou a um Estado” (FROMM, 1961, p. 11). *Psicanálise da sociedade contemporânea* é uma continuação de *O medo à liberdade* e tem, por sua vez, a pretensão de “demonstrar que a vida na democracia do século XX constitui sob muitos aspectos outra fuga à liberdade” (ibidem). Num primeiro olhar, portanto, poderíamos concluir que esta segunda obra tem menos a somar ao presente trabalho. A sua leitura, contudo, aponta significativas contribuições – inclusive porque, se, por um lado, o totalitarismo se expressou histórica e teoricamente com ineditismo no século XX, por outro, é inegável que ainda haja, nas experiências mais recentes, forte repercussão autoritária.

Fromm (1961, p. 87) assume uma postura preocupada com as repercussões do modo de produção e da organização social no estado de saúde mental dos indivíduos e busca, a partir deste compromisso teórico, chegar a uma “ideia da personalidade do homem médio que vive e trabalha sob tais condições”. Para o autor, portanto, conhecer o homem moderno passa necessariamente por conhecer as condições sociais e econômicas no seio das quais estão inscritas as suas vidas e, conseqüentemente, as suas subjetividades.

Na obra *Psicanálise da sociedade contemporânea*, Fromm traz uma análise do que chamou de idolatria totalitária. Segundo o autor, o fascismo, o nazismo e o stalinismo foram “o clímax da alienação” e ofereceram “ao indivíduo atomizado um novo refúgio e segurança” (FROMM, 1961, p. 231). Desta forma, ao indivíduo em situação de despertencimento social, a figura do líder, do Estado e da pátria, desponta como única possibilidade de projeção dos seus “poderes humanos” (FROMM, 1961, p. 231).

Fromm (1983, p. 114), travando discussão sobre o “significado psicológico do fascismo e o conteúdo da liberdade nos sistemas autoritários e em nosso próprio regime democrático”, passa pelos mecanismos de fuga orquestrados pelos indivíduos atomizados, isolados socialmente. Dentre estes mecanismos, o primeiro deles é a “tendência para renunciar à independência do próprio ego individual e fundi-lo com alguém ou algo, no mundo exterior, a fim de adquirir a força de que o ego individual carece” (FROMM, 1983, p. 118).

Este terreno que se abre a partir do mecanismo de fuga é fértil para a submissão e a dominação, a partir das quais o autor identifica tendências neuróticas, sejam masoquistas ou sádicas (FROMM, 1983) – que seriam, a propósito, a essência do caráter autoritário (FROMM, 1983). Neste sentido, especificamente quanto ao caráter autoritário, Fromm (1983, p. 140) esclarece que ele

[...] obtém sua força para atuar pelo fato de apoiar-se em um poder superior. Este poder nunca pode ser atacado nem modificado. Para ele, a falta de poder é sempre um sinal infalível de culpa e inferioridade, e se a autoridade em que acredita der sinais de fraqueza seu amor e respeito transformar-se-ão em desprezo e ódio. Ele não possui uma “potência ofensiva” que possa atacar o poder estabelecido sem primeiro sentir-se subserviente ante outro poder mais forte.

Fromm (1983) faz, ainda, um estudo sobre a psicologia do nazismo e, nesta seara, marca, novamente, a questão dos fatores psicológicos como indispensável chave explicativa. De acordo com o autor, que rechaça os pontos de vista segundo os quais o nazismo seria ou um fenômeno político e econômico ou um fenômeno psicológico, de maneira excludente. Para Fromm, embora o nazismo nunca tenha tido “quaisquer princípios políticos ou econômicos genuínos” (FROMM, 1983, p. 176), é, ao mesmo tempo, “um problema econômico e político, porém o fascínio por ele exercido sobre um povo inteiro tem de ser interpretado em bases psicológicas” (FROMM, 1983, p. 167).

Neste sentido, a classe média, cujos indivíduos estavam isolados e cujo prestígio social e econômico havia sido minado na sociedade de massas, constituíram, assim, importante apoio, mas não o exclusivo. Toda a população experimentava um “sentimento de insignificância e impotência individual que descrevemos como sendo típico do capitalismo monopolista em geral” (FROMM, 1983, p. 174).

Se, por um lado, os líderes satisfazem o seu desejo exercendo poder sobre as massas, estas, por outro, não deixam de saciar seus ímpetos sádicos, na forma de sadismo destinado às minorias raciais e políticas. Assim, “enquanto Hitler e sua burocracia fruem o poder sobre as massas alemãs, estas mesmas são ensinadas a gozar o poder sobre outras nações e a ser impelidas pela paixão de dominar o mundo” (FROMM, 1983, p. 179-180).

A partir desses breves apanhados das obras de Hannah Arendt e Erich Fromm, é possível vislumbrar o modo como a influência totalitária tem repercussão na subjetividade dos indivíduos, seja nos momentos em que se articulam as iniciativas totalitárias, seja após a consolidação dos regimes.

As considerações de Arendt sobre a construção do antissemitismo e o imperialismo são ricas em exemplos do modo como os processos sócio-históricos relacionados ao totalitarismo passam amplamente por processos de natureza individual. Neste sentido, destaco a formulação da autora sobre o antissemitismo próprio do século XX e a sua recusa à “teoria do bode expiatório”, ao investigar, para além dos interesses políticos em torno da identificação dos judeus como inimigo, a parcela de responsabilidade do próprio povo judeu, que não problematizou a própria inabilidade política e falta de articulação social, apoiado na certeza de sua superioridade. Ainda sobre este tópico, no que diz respeito ao imperialismo, Arendt frisa a constituição de uma mobilização nacionalista, bem como a marginalização de minorias e apátridas, problemáticas sobre as quais há forte vinculação subjetiva.

Já em debate centrado no totalitarismo em si, Arendt relaciona o terror, uma das bases do regime autoritário, à sensação de desconfiança generalizada e de não pertencimento. Os aspectos psicológicos dos indivíduos residem, portanto, na sustentação do próprio regime totalitário, de modo que não podemos falar deste sem assumir necessariamente aqueles.

Fromm (1983), no mesmo sentido, atribui a fuga à liberdade à submissão do indivíduo ao regime totalitário. Neste sentido, o regime totalitário configura o lugar oferecido pelo regime para que o sujeito encontre segurança, em contraposição ao não pertencimento de que ele é vítima dentro da sociedade atomizada.

A exclusão de determinados grupos sociais, exigida pela estrutura da sociedade capitalista, tem como um de seus resultados a alienação das massas. A leitura de Arendt nos permite compreender o modo como essa alienação impacta na organização política da sociedade e no estabelecimento de relações de poder radicalmente verticalizadas. A quebra da sociedade de classes, que conduz à alienação e a formação da sociedade de massas, isola e atomiza as pessoas e, desta forma, prepara

terreno para as empreitadas totalitárias. Fromm, em leitura semelhante à de Arendt neste aspecto, dá foco às condições individuais que viabilizam e mantêm o regime totalitário. Para o autor, então, o medo à liberdade configura a alienação vinculada ao forte empobrecimento, à pauperização.

Outro ponto de encontro entre as obras de Arendt e Fromm diz respeito ao caráter internacionalista do nazismo, vislumbrado por ambos. Fromm ressalta o “desejo de domínio do mundo como objetivo seu ou de seu partido” (FROMM, 1983, p. 180) manifestado por Hitler e, na mesma toada, Arendt rechaça categoricamente a afirmação de que os nazistas seriam “meros nacionalistas”, dando relevo ao “alvo político supranacional” do partido (ARENDT, 2012, p. 25-26).

Pelo exposto, fica evidente que, apesar de suas diferentes formações e peculiares abordagens, é possível notar pontos de importante articulação entre a teorização de Hannah Arendt e Erich Fromm no que diz respeito às necessárias bases de natureza individual para a estruturação dos regimes totalitários.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente trabalho, busquei organizar um recorte mínimo viável das obras de Hannah Arendt e de Erich Fromm a fim de verificar as convergências, em suas contribuições, no que diz respeito ao debate acerca das repercussões individuais em torno da ascensão e consolidação de ideologias e personalidades totalitárias, com enfoque especial nas experiências situadas no século XX.

A partir disto, pude notar que, apesar das trajetórias e vinculações teóricas particulares dos autores, as suas obras, observadas em conjunto, convergem sobre importantes análises e ferramentas para a compreensão do fenômeno autoritário. O rigor histórico de Arendt, somado à preocupação que Fromm nutre no que diz respeito às implicações psicológicas dos regimes, oferece rica leitura da realidade sócio-histórica e seus efeitos sobre as subjetividades em contexto totalitário.

### REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FROMM, Erich. **O medo à liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

FROMM, Erich. **Psicanálise da sociedade contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961.



---

**Recebido em:** 18 de Junho de 2021

**Avaliado em:** 1 de Junho de 2022

**Aceito em:** 1 de Junho de 2022

---



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

Copyright (c) 2022 Revista Interfaces Científicas - Humanas e Sociais



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.

---

1 Graduada em Direito e graduanda em Letras pela Universidade Federal Fluminense – UFF; Mestranda em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF. E-mail: [marimveloso@pq.uenf.br](mailto:marimveloso@pq.uenf.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0390595716847709>.

